

DOMINGO 2/8/92

NA próxima terça-feira, na capital italiana, poderá escrever-se uma página na História mais recente de Moçambique: Joaquim Alberto Chissano, Presidente da República de Moçambique, e Afonso Marceta Dhlakama, presidente da Renamo, vão apertar a mão, no que será um dos momentos mais significativos dos esforços em curso desde Julho de 1990, em que, nas negociações de paz de S. Egidio, o Governo e a Renamo têm vindo a procurar formas práticas de se provarem "compatriotas e membros da grande família moçambicana", segundo os termos do primeiro comunicado conjunto das conversações, emitido no dia 10 daquele mês.

Com efeito, nas duas figuras, estão representados, ao mais alto nível, os dois principais protagonistas de uma das mais prolongadas e sangrentas guerras alguma vez testemunhadas em todo o mundo. Em 16 anos de fogo, sangue e lágrimas, esta guerra reivindicou as vidas de mais de um milhão de pessoas, um milhão e meio de despojados e refugiados nos países vizinhos e, segundo os dados mais

recentes, mais de três milhões de ameaçados de morte, em consequência de efeitos combinados da guerra e da pior seca do século. Já em Abril de 1988, dizia em Maputo o então Subsecretário de Estado-Adjunto norte-americano para os Assuntos Africanos, Roy Stacy: O que emergiu em Moçambique é um dos mais brutais holocaustos sobre seres humanos comuns, desde a II Guerra Mundial. Dizem as Nações Unidas: Moçambique é o pior país do mundo em termos de sofrimento humano. E acrescentam agências económicas especializadas: Em termos da sua economia, Moçambique é uma "não-entidade". Chissano e Dhlakama vão, finalmente, encontrar-se em Roma, para procurar uma saída para as conversações de dois anos no antigo convento da Piazza de S. Egidio. Atrás de si, deixam no ar comentários optimistas. Moçambique pode confiar?

Os moçambicanos, habituados a frustrações sucessivas, são hoje um povo que não confia incondicionalmente em ninguém... até ver.